RENASCIMENTO AFRICANO

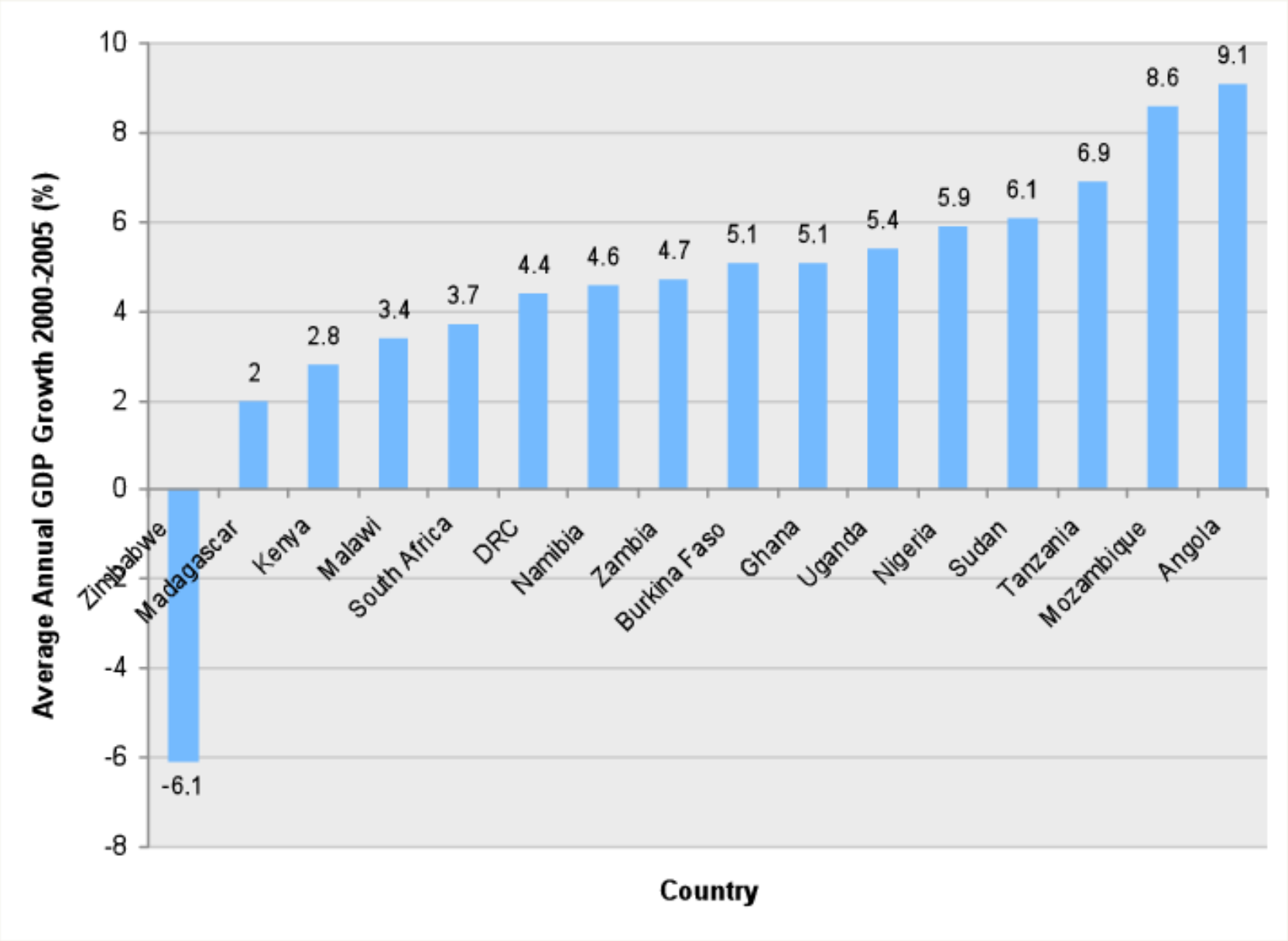
Flavio Thales Ribeiro Francisco

Renascimento Africano no século XXI

- *O lócus do discurso do novo renascimento africano está nas palavras do intelectual e professor nigeriano Claude Akê (1939-1996), em seu ensaio Democracy and Development in Africa, quando lembrou que a grande preocupação com a África não é o que a levou ao subdesenvolvimento. A hora é de colocar na agenda a conciliação da democracia com uma verdadeira agenda social e política do desenvolvimento.*
- *Preocupam-se alguns desses africanos que a internacionalização crescente do continente africano, ante seu "caráter exógeno", perpetue-se com novas máscaras. A preocupação legítima do ilustre intelectual africano vai ao ponto focal. Como diminuir a distância mental e real, produzida pelos próprios governantes de grande parte dos Estados africanos modernos, os abismos sociais e políticos que separam ricos de pobres, elite de povo, na África das próximas décadas do século XXI?*

Abertura de um novo ciclo

- O encerramento do grande ciclo dos conflitos abertos e militarizados internos é exemplo da vontade política africana nova de renascer e orientar as energias para projetos mais produtivos. Engajaram-se os africanos nos programas voltados para as metas do milênio e querem modificar os indicadores sociais previstos para serem alcançados em 2015.
- Administrar, de dentro para fora, as ambições internacionais geradas pelos planos estratégicos emergentes exigirá dos africanos uma noção de domesticação da internacionalização da economia, pela via do fortalecimento do Estado democrático e da responsabilidade fiscal e macroeconômica mais ampla. Esse quadro também exigirá das lideranças africanas a capacidade de reduzir tendências pragmáticas e danosas que caminham juntas com a ambição política.
- Há, nesse sentido, um ambiente mais positivo. A mais importante iniciativa nesse sentido, emblemática da autoconfiança que se espraia no seio da inteligência política do continente, foi o lançamento da Nova Parceria para o Desenvolvimento Africano (Nepad), em 2001.

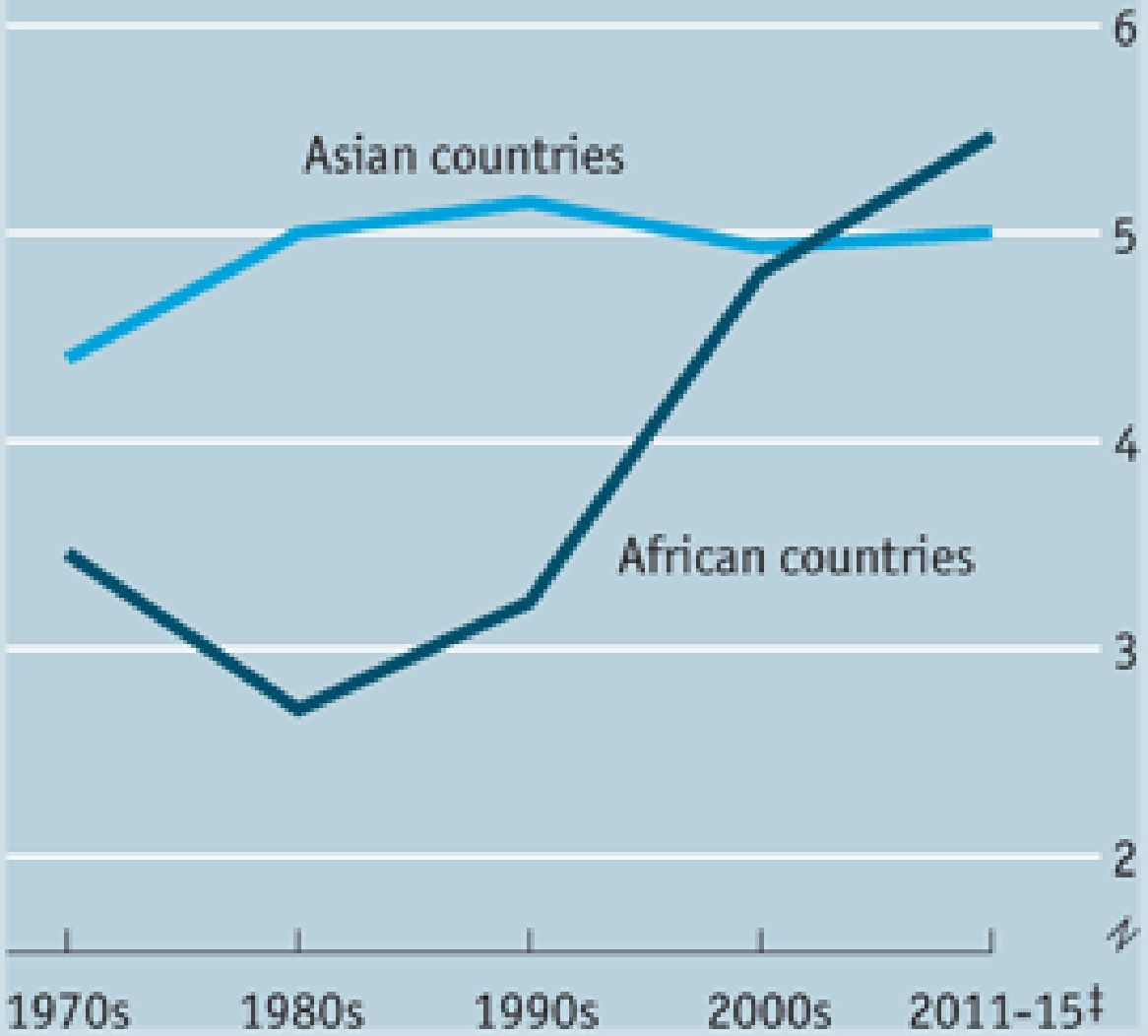

Average Annual GDP Growth 2000-2005 (%)
10
8
6
4
2
0
-4
-6
-8
-6.1
2
2.8
3.4
3.7
4.4
4.6
4.7
5.1
5.1
5.4
5.9
6.1
6.9
8.6
9.1
Zimbabwe
Madagascar
Kenya
Malawi
South Africa
DRC
Namibia
Zambia
Burkina Faso
Ghana
Uganda
Nigeria
Sudan
Tanzania
Mozambique
Angola
Country

World's ten fastest-growing economies*

Annual average GDP growth, %

2001-2010†		2011-2015‡	
Angola	**11.1**	China	9.5
China	10.5	India	8.2
Myanmar	10.3	**Ethiopia**	**8.1**
Nigeria	**8.9**	**Mozambique**	**7.7**
Ethiopia	**8.4**	**Tanzania**	**7.2**
Kazakhstan	8.2	Vietnam	7.2
Chad	**7.9**	**Congo**	**7.0**
Mozambique	**7.9**	**Ghana**	**7.0**
Cambodia	7.7	**Zambia**	**6.9**
Rwanda	**7.6**	**Nigeria**	**6.8**

GDP growth, unweighted annual average, %



*Excluding countries with less than 10m population and Iraq and Afghanistan †2010 estimate ‡Forecast

Sources: *The Economist*; IMF

Novo Cenário Internacional

- A governança sincrética é um sistema híbrido. O peso das velhas potências e dos órgãos econômicos, como o FMI e o Banco Mundial, é compartilhado com grupos de países tais como aqueles que compõem o Brics. Há também a inserção de novos atores, como as empresas multinacionais do Sul em processo ampliado de internacionalização.
- Vide os casos chinês, brasileiro e indiano. No campo da segurança internacional, a governança sincrética torna difícil o caminhar rumo aos antigos consensos. Já não se aprovam sanções e intervenções no sistema internacional sem o apoio dos emergentes.
- Os casos da intervenção no Iraque e a caça ao governante da Líbia contrastam com os conceitos de solução pacífica de controvérsias, esses mais próprios ao Brics e às percepções do Sul das relações internacionais.

Atrativos Africanos

- a África é fonte de cobiça por 66% do diamante do mundo, 58% do ouro, 45% do cobalto, 17% do manganês, 15% da bauxita, 15% do zinco e de 10% a 15% do petróleo.
- São aproximadamente trinta os recursos minerais do mundo que a África guarda em seu subsolo. Mas só participa de 2% do comércio mundial e possui apenas 1% da produção industrial global.Há, portanto, um enorme desafio de elevação desses itens.

Plano Ômega e MAP

- O Plano Ômega foi uma iniciativa proposta em 2001 pelo então presidente do Senegal, Abdoulaye Wade, visando acelerar o desenvolvimento econômico e social da África. O foco principal do plano era incentivar os países africanos a investirem de forma significativa em áreas essenciais como infraestrutura, educação, saúde e agricultura, com o objetivo de alcançar crescimento econômico sustentável e desenvolvimento social.
- Paralelamente, líderes de outros países africanos, incluindo Thabo Mbeki da África do Sul, Olusegun Obasanjo da Nigéria e Abdelaziz Bouteflika da Argélia, desenvolveram o Millennium Africa Recovery Plan (MAP), que também visava a recuperação econômica do continente. Reconhecendo a convergência de objetivos entre o Plano Ômega e o MAP, decidiu-se unificar essas iniciativas, resultando na criação da Nova Iniciativa Africana (NAI).
- A NAI foi posteriormente adotada pela Organização da Unidade Africana (OAU) e evoluiu para a Nova Parceria para o Desenvolvimento da África (NEPAD), estabelecida em 2001. O NEPAD incorporou os objetivos centrais do Plano Ômega e do MAP, consolidando-se como um programa abrangente para promover o desenvolvimento sustentável na África, com ênfase em erradicar a pobreza, integrar o continente na economia global e fortalecer a governança democrática.

Objetivos do NEPAD

- Os objetivos postulados em 2001 traduzem a ambição política de seus gestores e, em alguma medida, foram alcançados em parte até o ano de 2013, mesmo que o desenvolvimento da Nepad siga até o ano de 2016. Esses objetivos, para lembrar, foram claramente explicitados pelos inventores da Nepad, a saber:
- • crescimento econômico de 7% anual durante quinze anos;
- • redução pela metade da taxa de pobreza absoluta até 2015;
- • matrícula de todas as crianças nas escolas no mesmo período. A Nepad foi apresentada em 2001 com clareza e desprendimento. Apresentou, de fato, uma estratégia africana de longo prazo, mas focou tratar dos problemas que afligem o continente no curto tempo, por meio de um caminho sustentável ao desenvolvimento, apropriado e dirigido pelos africanos. Prioridades estruturadas no longo e no médio prazo se cruzam com as de curto prazo, nas mais diferentes áreas. O objetivo estratégico de longo prazo foi claramente postulado desde seu lançamento

Desenvolvimento e Democracia (NEPAD)

- Os aspectos relativos à democracia e à governança política ganharam relevo na Nepad. Reconheceu-se que o desenvolvimento não seria possível na ausência de uma democracia completa, que respeitasse os direitos humanos, a paz e o bom governo. A Nepad assume o respeito aos padrões mundiais da democracia e afiança o pluralismo político.
- Reconhece a necessidade de sistemas multipartidários e dos sindicatos, bem como a organização periódica de eleições abertas e democráticas. Bem sabem aqueles que militam nos estudos das instituições políticas africanas, dentro e fora da África, o quanto esse desafio é ainda longínquo nas paragens continentais, muito embora desejada por tantos africanos, do povo e da elite.
- Para a consecução desse o objetivo, a Nepad prevê o estímulo a cinco reformas institucionais como meios para a formação de talentos e de criatividade política na nova geração de líderes. São, a saber: **serviços administrativos e civis; fortalecimento do controle parlamentar; promoção da participação na tomada de decisões; adoção de medidas efetivas para combater a corrupção e a apropriação indevida de bens públicos; e reformas judiciais**.

Articulação dos BRICS

- Quando reivindicam maior poder em instituições multilaterais, os líderes de Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul fortalecem suas posições ao “carimbar” sobre elas o símbolo BRICS.
- Quando os países do grupo fazem reivindicações desta forma (ampa-radas pelo poder simbólico do acrônimo), estas passam a ser realizadas não apenas por um único país – nem mesmo por um grupo formal chamado BRICS. Passam a estar vinculadas simbolicamente a um conjunto amplo de transformações na ordem mundial, representado pelo BRICS.
- Tomando como exemplo a reivindicação por maior participação nas votações no FMI (ponto em que os governos dos BRICS possuíam, ao final de 2011, maior convergência), o peso da reivindicação adveio não apenas da força dos países individualmente, ou mesmo do grupo BRICS, mas também do símbolo BRICS, utilizado como instrumento que lhe confere mais legitimidade

A incorporação da África do Sul

- A maior legitimidade das reivindicações por mudanças na ordem internacional decorre do fato de a África do Sul ingressar no grupo com o status de representante de toda a África, somando o continente africano à América Latina, à Ásia e às chamadas economias em transição.
- Ganha peso, dessa maneira, a imagem dos BRICS como representantes de uma nova ordem mundial, na qual o poder econômico e político dos países do "Sul" cresce, em média, a um ritmo maior que o dos países do "Norte". Também ganha força (pelo menos esta é a intenção dos governos dos BRIC) o discurso segundo o qual os países do BRIC expandem sua influência na África de forma diferente dos países desenvolvidos, negociando com países africanos na condição de parceiros e não de potências neocoloniais.
- A presença de um país africano no BRIC, portanto, além dos fatores materiais, foi considerada apropriada pelos integrantes do grupo por representar o ingresso de um continente que é exposto, tradicionalmente, como dominado pela pobreza e baixas perspectivas de desenvolvimento socioeconômico.

AS como porta de entrada para a África

- África do Sul como porta de entrada para a África, é preciso considerar a dimensão econômica do país em relação ao restante do continente. Quanto a este aspecto, a África do Sul de fato apresenta-se como uma potência econômica e política.
- O PIB sul-africano representa 23% do PIB da África, 48% do PIB da África Subsaariana e 60% do PIB da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral – Southern African Development Community (SADC).
- Além disso, a África do Sul possui uma economia moderna se comparada a outras economias da África, o que é demonstrado, entre outros aspectos: por sua estrutura diversificada na produção interna, com participação relevante dos setores industrial e financeiro; por seu volume de investimento direto estrangeiro (IDE) para outros países da região

Tabela 1

Dados Econômicos e Populacionais do BRIC e Países não BRIC Selecionados (2010)

Categoria	País	Taxa média anual de crescimento (2001-2010)	PIB* (em bilhões de US$)	PIB per capita* (em US$)	População (em milhões)
Países integrantes do BRIC	Brasil	3,6%	2.143	11.089	193
	Rússia	4,9%	1.487	10.408	143
	Índia	7,4%	1.598	1.342	1.191
	China	10,5%	5.930	4.421	1.341
Países não integrantes do BRIC	África do Sul	3,5%	363	7.271**	50**
	Indonésia	5,2%	708	2.981	238
	México	1,7%	1.035	9.219	112
	Nigéria	9,1%	197	1.261**	156**
	Turquia	4,0%	735	10.062	73

* Dólares nominais a preços de 2010.

** Valor estimado.

Fonte: World Economic Outlook (WEO), FMI. Dados de abril de 2012.

Agenda 2063

- Em 2015, chefes de Estado e de Governo da UA durante a 24ª Sessão Ordinária da
- Conferência da UA, realizada em Addis Abeba, na Etiópia, aprovaram a criação de uma nova agenda política e econômica para o desenvolvimento do continente. A UA lançou, então, a Agenda 2063, um plano de desenvolvimento composto por 14 iniciativas com o objetivo de desenvolvimento econômico continental de longo prazo (50 anos). A agenda descreve as aspirações africanas baseadas no pan-africanismo — doutrina de união dos povos africanos no contexto internacional — e do movimento político de Renascimento Africano na busca africana por uma nova inserção internacional.

- 1. próspera, baseada no crescimento inclusivo e desenvolvimento sustentável;
- 2. um continente integrado, politicamente unido com base nos ideais do pan-africanismo e avisão do Renascimento Africano;
- 3. de boa governança, democracia, respeito, pelos direitos humanos, justiça e o estado de
- direito;
- 4. pacífica e segura;
- 5. com uma forte identidade cultural, herança, valor e ética comuns;
- 6. cujo desenvolvimento seja orientado para as pessoas confiando no potencial dos povos
- africanos, especialmente no potencial da mulher, da juventude e onde a criança tem tratamento
- digno;
- 7. como um ator forte, influente e parceiro a nível mundial.

Princípios pan-africanistas

- Cabe destacar que uma perspectiva Pan-Africanista de solidariedade entre os povos africanos é mencionada como fator impulsionador para os objetivos da Agenda 2063, sendo essa uma iniciativa endógena de crescimento.
- Com o lema “A África que queremos”, a Agenda institui 8 áreas prioritárias, sendo elas: identidade e Renascimento Africano; **contínua luta contra o colonialismo e pelo direito à autodeterminação**; integração continental; **desenvolvimento e transformação social e econômica; paz e segurança; governança democrática; determinação do futuro do continente;** e fortalecimento do espaço da África no mundo - com metas de curto (10 anos), médio (10-25 anos) e longo (25-50 anos) prazo.
- Apesar de estabelecer metas, a Agenda tem caráter simbólico e, às vezes, vago quanto aos prazos estabelecidos de maneira que as sete aspirações estão interligadas quanto a transformação interna para, enfim, impulsionar uma nova inserção internacional.

Rumo ao livre comércio

- Em março de 2018, os países da África se reuniram para a assinatura do maior acordo comercial da história desde a criação da Organização Mundial do Comércio, em 1995: o Acordo Continental Africano de Livre-Comércio (AfCFTA, na sigla em inglês).
- O acordo representou um marco na história da África. Apenas dois anos depois, em 2020, o AfCFTA já contava com a participação de 54 dos 55 países membros da União Africana (UA), contabilizando um PIB de US$3,4 trilhões e abarcando 1.3 bilhão de pessoas.
- Nos próximos anos, se for implementado plenamente, as reduções tarifárias previstas pelo acordo teriam o potencial de aumentar a renda dos africanos e retirar milhões de indivíduos da pobreza extrema, além de gerar empregos e diminuir a desigualdade de gênero no continente.

Protocolo de Livre Circulação

- Protocolo sobre a Livre Circulação de Pessoas, tem como objetivo principal resolver a dificuldade dos africanos em viajar dentro do próprio continente.
- De acordo com o Africa Visa Openness Index, em 2019, 75% dos países da África requeriam vistos de cidadãos de outros países africanos.
- Embora esse número ainda seja alto e a adesão dos países em relação a esse acordo em específico tenha sido baixa (apenas 27 dos 55 países da UA optaram por assiná-lo), o Protocolo foi um passo adiante em direção ao projeto de criação de um Passaporte da União Africana e a facilitação da circulação de pessoas dentro do continente.

- De acordo com relatório do Banco Mundial (WORLD BANK, 2020), uma vez que o AfCFTA fosse implementado, os benefícios potenciais para os países e as pessoas do continente seriam enormes e diversos.
- Até 2035, o acordo possui o potencial de **retirar 30 milhões de africanos da pobreza extrema e outros 68 milhões da pobreza moderada** (aproximadamente 8,1% da população atual)14.
- O PIB total do continente poderia **aumentar em US$ 212 bilhões e o crescimento da renda regional chegaria a uma média de 7,0%.** No caso do comércio, o intercâmbio intracontinental poderia crescer 81%, enquanto as trocas com países de fora do continente poderiam subir 19%. Dentre os 55 países membros da UA, 44 assinaram o AfCFTA durante a reunião de Kigali, em março de 2018.
- Em julho do mesmo ano, durante a 31º Cúpula da União Africana, em Nouakchott, na Mauritânia, cinco outros países assinaram o AfCFTA:Serra Leoa, Namíbia, Lesoto, Essuatíni e África do Sul, cuja posição como potência africana e segunda maior economia do continente representou uma adição importante. Em seguida, em fevereiro de 2019, Guiné Bissau, Zâmbia e Botswana aderiram, seguidos pelo Benin e a Nigéria, em julhodaquele mesmo ano.

Presença da Nigéria

- De fato, o processo de adesão da Nigéria ao AfCFTA merece destaque. Sendo o país mais populoso da África (aproximadamente 202 milhões de habitantes), e a maior economia (com um PIB de US$410 bilhões, em 2019) – correspondendo a 18,13% do PIB do continente – a cautela da Nigéria em assinar o AfCFTA representava uma ausência vital que poderia muito bem comprometer a credibilidade do acordo. Na época, o presidente da Nigéria, Muhammadu Buhari justificou a recusa inicial do país em assinar o AfCFTA, alegando a necessidade de consultar setores domésticos antes de tomar uma decisão.
- A questão era particularmente sensível para algumas áreas da economia, como o setor manufatureiro que, temeroso que o acordo acabasse gerando a prática de dumping no país, pedia que o governo realizasse mais estudos sobre seus possíveis impactos. Por outro lado, o medo das consequências advindas da adesão ao acordo convivia com os temores de que a Nigéria, apesar da relevância de sua economia, ficasse isolada dentro do continente.

Desigualdades e assimetrias

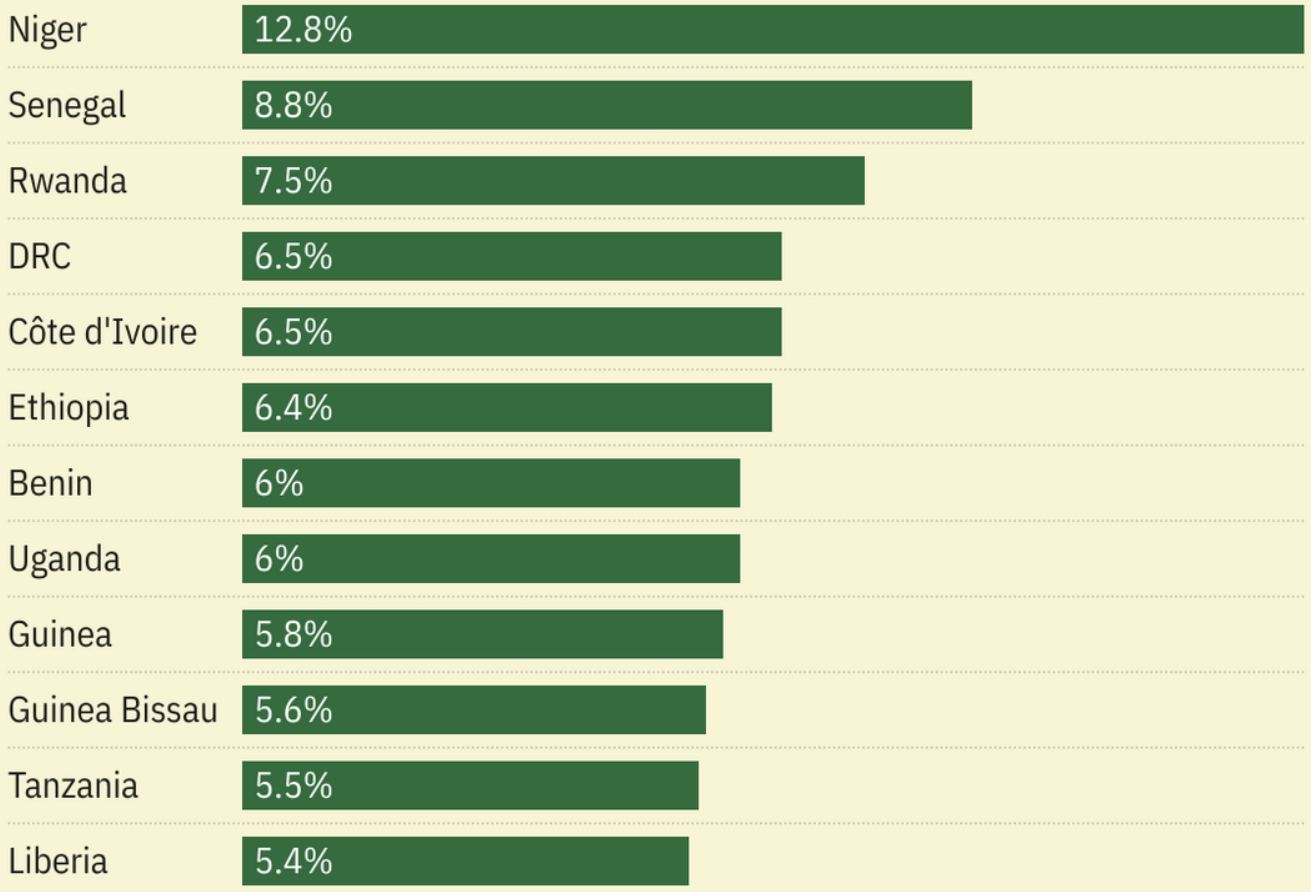
- Dessa forma, a desigualdade econômica na África representa um desafio extra à implementação do AfCFTA. Uma potência econômica, como a Nigéria, tem que adequar ao ritmo de um vizinho pequeno, como o Benin, enquanto uma economia extremamente dependente de um só recurso, como a **Angola (no caso, o petróleo) tem que se adaptar em relação às importações de países com uma economia mais diversificada, como a da África do Sul.**
- Além disso, a maioria dos países ainda possui economias altamente dependentes da exportação de matérias-primas, inseridas de maneira periférica dentro das cadeias de suprimento global. Essa realidade se reflete diretamente nos números das trocas comerciais entre os países do continente.
- Segundo o relatório Economic Development in Africa (UNCTAD, 2019b), em 2017 as exportações dos países africanos para outros destinos dentro do continente somaram 16.6% do total. A taxa representa um grande avanço quando levamos em consideração que ela era de apenas 9,0% no ano 2000, porém, ela ainda permanece baixa, quando comparada a de outros continentes20. Se levarmos em consideração o fluxo comercial total (soma dos valores das importações e exportações), o número é menor ainda, chegando a apenas 2,0%.

Resultados positivos

- **Aumento do comércio intra-africano**
- Um dos indicadores mais relevantes é a evolução do comércio entre países africanos.
- Em 2024, o comércio intra-africano atingiu aproximadamente US$ 220 bilhões, um crescimento de 12,5% em relação a 2023.
- Esse crescimento indica uma expansão das trocas comerciais dentro do continente.
- Entretanto, não é possível atribuir todo esse aumento à AfCFTA, pois outros fatores econômicos também influenciam o comércio.
- Esse valor foi divulgado pelo secretário-geral da AfCFTA em 2026.
- **A AfCFTA também está criando condições para:**
- ampliar os mercados consumidores das empresas africanas;
- estimular a produção industrial;
- desenvolver cadeias de valor regionais;
- facilitar o acesso de pequenas e médias empresas a outros mercados africanos;
- reduzir a dependência comercial de parceiros externos.
- A Nigéria, por exemplo, desenvolveu um corredor específico para exportações aéreas no âmbito da AfCFTA em 2025, além de reforçar mecanismos nacionais de implementação.

Africa's high growth economies

The largest growth in sub Saharan Africa in 2024 will be in West Africa



2023 data are estimates

Chart: Alexander Onukwue/Semafor • Source: World Bank

10 largest economies in Africa in 2024

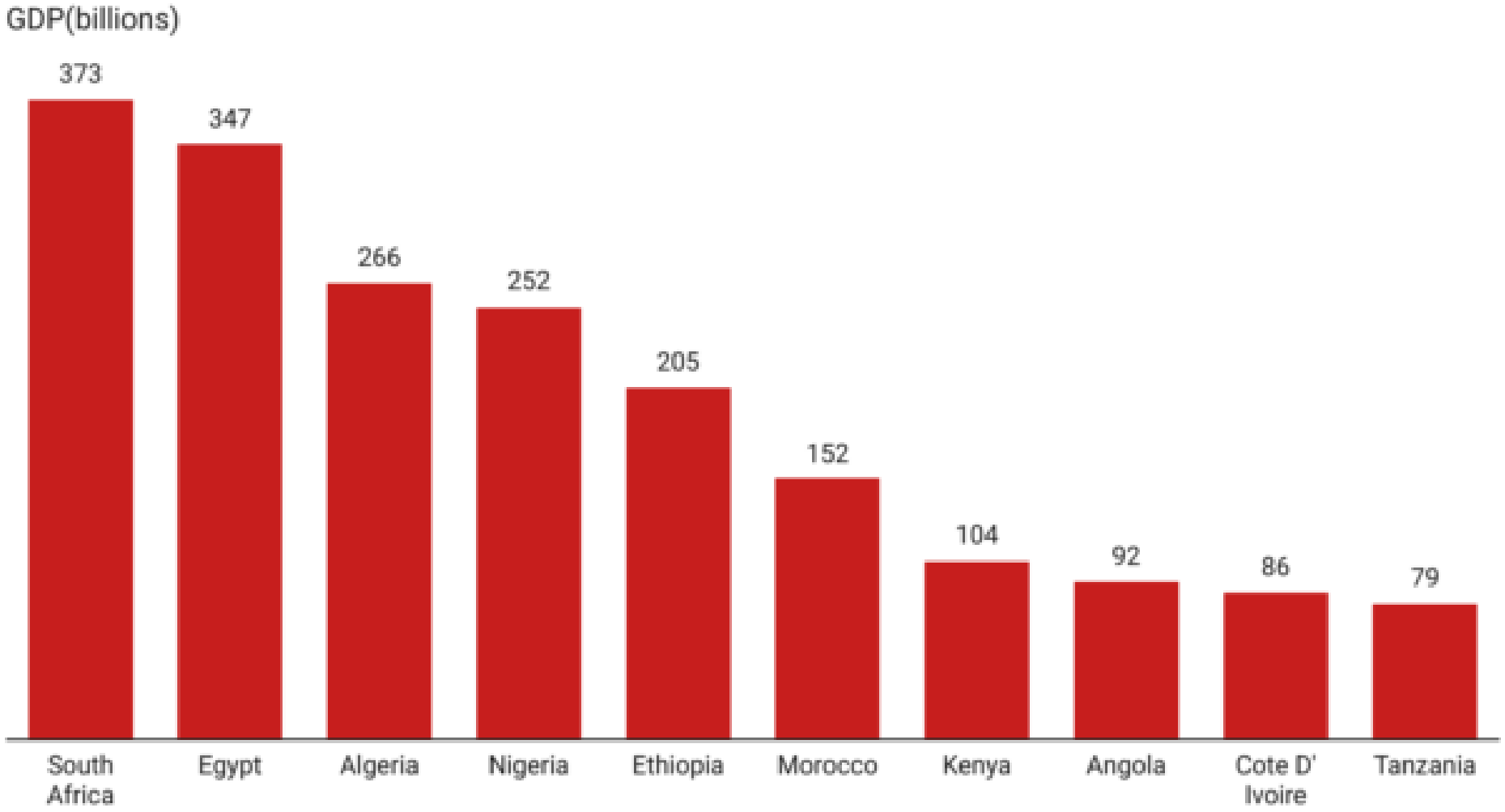


Chart: BusinessDay • Source: IMF • Created with Datawrapper

União Africana no G20

- A entrada da União Africana (UA) no G20, formalizada durante a cúpula do grupo em setembro de 2023, representa um marco histórico tanto para o continente africano quanto para a governança global. A inclusão da UA — que reúne 55 países africanos — como membro permanente do G20 sinaliza um reconhecimento crescente da importância geopolítica e econômica da África no cenário internacional.
- Contexto e Significado
- Até então, a África era representada no G20 apenas por meio da África do Sul, o único país africano membro do grupo. Com a adesão da União Africana, o continente passa a ter uma voz coletiva nas principais discussões sobre economia global, desenvolvimento sustentável, mudanças climáticas, comércio e finanças internacionais.
- A entrada da UA reflete uma tendência mais ampla de inclusão e representatividade no sistema multilateral. Com mais de 1,4 bilhão de pessoas e vastos recursos naturais, a África desempenha um papel fundamental nos desafios e nas soluções globais. A participação direta no G20 permite que os países africanos defendam com mais força seus interesses em temas como justiça climática, alívio da dívida externa e acesso a financiamento para infraestrutura e saúde.

África e a expansão dos BRICS

- Durante a cúpula dos BRICS em Joanesburgo, em agosto de 2023, foi anunciado o convite para a adesão de seis novos países, incluindo Egito e Etiópia. A entrada desses dois membros africanos amplia o peso geopolítico do continente dentro do bloco, que até então contava apenas com a África do Sul como representante da África.
- Egito: um elo entre África, Oriente Médio e Europa
- O Egito, com sua localização estratégica entre África, Ásia e Europa, é uma das economias mais influentes do Norte da África. Membro da Liga Árabe e um dos principais parceiros comerciais na região, o país traz para os BRICS uma ponte entre os mundos árabe e africano. Além disso, sua economia diversificada e o controle do Canal de Suez — uma das rotas marítimas mais importantes do mundo — reforçam o peso geopolítico da sua adesão ao bloco.
- Etiópia: símbolo do crescimento africano
- A Etiópia, apesar de enfrentar desafios internos, tem sido uma das economias de crescimento mais rápido da África na última década. É também a sede da União Africana, o que confere à sua entrada nos BRICS um caráter simbólico de representação continental. Sua inclusão sinaliza o interesse dos BRICS em apoiar economias emergentes com grande potencial de desenvolvimento, além de fortalecer a cooperação Sul-Sul.

Previsões económicas: África Subsariana

(Crescimento do PIB real, variação percentual)

		PROJEÇÕES	
	2023	2024	2025
África Subsariana	**3,4**	**3,8**	**4,0**
África do Sul	0,6	0,9	1,2
Angola	0,5	2,6	3,1
Benim	5,8	6,0	6,0
Botsuana	3,2	3,6	4,6
Burkina Faso	3,6	5,5	5,8
Burundi	2,7	4,3	5,4
Cabo Verde	4,8	4,7	4,7
Camarões	4,0	4,3	4,5
Chade	4,4	2,9	3,7
Comores	3,0	3,5	4,0
Côte d'Ivoire	6,2	6,5	6,4
Eritreia	...	...	...
Essuatíni	5,1	3,7	3,3
Etiópia	7,2	6,2	6,5
Gabão	2,3	2,9	2,7
Gâmbia	5,6	6,2	5,8
Gana	2,3	2,8	4,4
Guiné	5,7	4,1	5,6
Guiné-Bissau	4,2	5,0	5,0
Guiné Equatorial	–5,9	0,5	–4,6
Lesoto	1,9	2,4	2,5
Libéria	4,6	5,3	6,2
Madagáscar	3,8	4,5	4,6
Maláui	1,6	3,3	3,8
Mali	4,5	4,0	4,5
Maurícia	6,9	4,9	3,7
Moçambique	6,0	5,0	5,0
Namíbia	3,2	2,6	2,6
Níger	1,4	10,4	6,1
Nigéria	2,9	3,3	3,0
Quénia	5,5	5,0	5,3
República Centro-Africana	0,7	1,3	1,7
República Democrática do Congo	6,1	4,7	5,7
República do Congo	4,0	4,4	3,2
Ruanda	6,9	6,9	7,0
São Tomé e Príncipe	–0,3	2,9	4,1
Seicheles	3,7	3,2	3,8
Senegal	4,1	8,3	10,2
Serra Leoa	3,4	4,0	4,5
Sudão do Sul	–0,1	5,6	6,8
Tanzânia	5,0	5,5	6,0
Togo	5,4	5,3	5,3
Uganda	4,8	5,6	6,5
Zâmbia	4,3	4,7	4,8
Zimbabué	5,3	3,2	3,2

Fonte: FMI, base de dados do *World Economic Outlook*, abril de 2024.
Nota: os dados sobre a Eritreia foram excluídos devido a restrições no reporte de dados.

IMF

Crescimento médio do PIB continental

- O crescimento médio do Produto Interno Bruto (PIB) do continente africano acelerou de aproximadamente 3,4% a 3,5% em 2024 para 4,4% em 2025, segundo o relatório Perspectivas Econômicas Africanas de 2026 do Banco Africano de Desenvolvimento (AfDB).
- Dados consolidados do World Economic Outlook (Outubro de 2026) do FMI e dos Indicadores de Desenvolvimento Mundial do Banco Mundial confirmam que a África Subsaariana avançou 4,1% a 4,5% em 2025 (ante cerca de 3,5% a 4,0% em 2024), superando a média da economia global.

Corrida das Chitas Africanas

- A expressão "Africa Cheetah Run" (Corrida das Chitas Africanas) é o título do portal oficial e da linha de pensamento do economista guineense Carlos Lopes na plataforma Africa Cheetah Run, que utiliza a metáfora da velocidade e agilidade da chita para defender que as economias africanas precisam acelerar sua transformação estrutural e abandonar modelos lentos de crescimento. O conceito dialoga com a ideia de uma nova geração de líderes e economias dinâmicas no continente, popularizada anteriormente pelo economista ganês George Ayittey ("geração chita"), e é usado por Lopes para contrapor a narrativa tradicional de escassez e dependência.
- **Transformação estrutural e industrialização.** Lopes argumenta que o crescimento baseado apenas na exportação de matérias-primas perpetua a pobreza e "exporta empregos". Ele defende a agregação de valor local, a industrialização verde e o aumento da produtividade agrícola.
- Soberania financeira e narrativa própria. Conforme destacado em sua entrevista para a UNESCO sobre o Futuro das Economias Africanas, o continente precisa superar o "vocabulário da escassez" e reformar a arquitetura financeira global, que penaliza África com juros altos e classificações de risco distorcidas.
- Novo contrato social e protagonismo geopolítico. Ele propõe que os Estados africanos ganhem eficiência na entrega de serviços públicos e assumam uma postura mais assertiva e soberana nas negociações comerciais com blocos como a União Europeia e parceiros como a China.

Uma nova corrida para a África

- A presença de economias médias na África é uma dimensão importante da transformação geopolítica e econômica do continente. Países como Irã, Arábia Saudita, Turquia e Brasil procuram ampliar sua influência por meio de investimentos, comércio, infraestrutura, energia, agricultura e cooperação tecnológica.
- Esses quatro países apresentam estratégias diferentes. Alguns privilegiam grandes investimentos financeiros e infraestrutura; outros combinam comércio, cooperação técnica, construção civil e relações diplomáticas.
- Um ponto importante é que nem todo financiamento, contrato de construção ou acordo comercial representa investimento estrangeiro direto (IED). Essa distinção é essencial para avaliar o peso econômico real de cada país.

Agenda saudita para o continente

A política externa saudita em relação à África está ancorada em diversos interesses estratégicos:

- Diversificação econômica (Visão 2030): A Arábia Saudita busca reduzir sua dependência do petróleo. A África oferece oportunidades para investimento em infraestrutura, agricultura, mineração e energias renováveis.
- Segurança alimentar: Muitos países africanos, como o Sudão e a Etiópia, têm terras aráveis em abundância. O reino tem investido em agricultura para garantir segurança alimentar a longo prazo.
- Concorrência geopolítica: Em resposta à crescente presença da China, Turquia, Irã e Emirados Árabes Unidos no continente, a Arábia Saudita procura garantir sua posição como potência influente.
- Interesses religiosos: Como guardiã dos locais sagrados islâmicos, Riad busca manter sua liderança espiritual e religiosa entre países africanos de maioria muçulmana.

Agenda iraniana para a África

- Isolamento internacional: Com décadas de sanções e tensões com o Ocidente, o Irã busca construir alianças políticas e econômicas alternativas, encontrando na África parceiros mais abertos ao diálogo e ao comércio.
- Exportação da Revolução Islâmica: Desde 1979, Teerã vê a África como um campo fértil para a disseminação de sua ideologia político-religiosa, especialmente entre comunidades muçulmanas xiitas.
- Acesso a mercados e recursos naturais: O continente africano oferece oportunidades em petróleo, gás, mineração e agricultura, essenciais para a economia iraniana, especialmente em tempos de sanções.
- Concorrência com a Arábia Saudita: O Irã vê na África um terreno de disputa pela liderança do mundo islâmico, rivalizando com Riad em países com presença muçulmana significativa.

Agenda turca para a África

- Até o início dos anos 2000, a presença turca na África era bastante limitada. No entanto, a partir do governo de Recep Tayyip Erdoğan, especialmente após sua eleição como primeiro-ministro em 2003, a África passou a ser tratada como uma prioridade diplomática. A política chamada de “Abertura para a África” (África Açılımı) evoluiu, a partir de 2005 (designado como o “Ano da África” pela Turquia), para uma parceria estratégica.
- 2. Expansão Diplomática
- A presença diplomática turca no continente cresceu significativamente:
- Em 2009, a Turquia tinha embaixadas em apenas 12 países africanos. Em 2025, esse número ultrapassa 40.
- Também houve a multiplicação de visitas de alto nível: Erdoğan visitou mais de 30 países africanos, muitas vezes acompanhado por delegações empresariais.

Agendas turcas

- **Agenda Econômica e Comercial**
- A Turquia enxerga na África uma oportunidade para expandir mercados para suas empresas e garantir acesso a recursos naturais.
- O comércio entre a Turquia e o continente africano cresceu de cerca de US$ 5 bilhões em 2003 para mais de US$ 40 bilhões nos últimos anos.
- Setores como construção civil, infraestrutura, energia, têxteis e alimentos são os mais ativos.
- Companhias turcas, como a Turkish Airlines, desempenham papel importante na integração — hoje conectando dezenas de cidades africanas a Istambul.
- **Cooperação em Segurança e Defesa**
- A Turquia também tem investido em cooperação militar:
- Estabeleceu bases militares na Somália e tem fornecido treinamento às forças de segurança de vários países africanos.
- Exportações de armamentos e drones turcos estão se tornando cada vez mais comuns, com países como Etiópia, Nigéria e Burkina Faso entre os compradores.

Histórico Índia e africanos

- As relações comerciais regulares entre a Índia e o Egito já existiam no século VIII a.C. Durante o século II a.C., comerciantes da Abissínia e da Somália traziam da Índia ébano, artigos de algodão e tecidos de seda, utilizados para envolver as múmias egípcias. Por volta do ano 100 d.C., o cristianismo chegou ao Norte da África. Entre 1503 e 1508 d.C., artigos de algodão e produtos de seda eram exportados dos portos de Gujarat e Bengala para Berber e a Etiópia.
- Em 1657, o imperador indiano Aurangzeb recebeu um emissário enviado pelo rei da Abissínia. Durante os anos de 1692 e 1693, houve um aumento considerável do comércio da Etiópia com a Índia. Em 1860, o governo indiano tornou a posse ou o comércio de escravos uma infração penal.
- Trabalhadores indianos contratados foram levados para trabalhar nas plantações de açúcar de Natal. Em 1880, foi concluída a linha telegráfica entre a Índia e Zanzibar. Em 1882, a Marinha Indiana realizou operações submarinas para remover obstáculos no Canal de Suez.

Histórico Índia e africanos

- Em abril de 1893, Mohandas Karamchand Gandhi chegou à África do Sul para representar um cliente em uma transação comercial. No entanto, após ser submetido a humilhações e discriminações raciais, decidiu permanecer no país para defender os direitos de seus compatriotas. Gandhi assumiu a causa dos indianos de Natal e fundou o Congresso Indiano de Natal (Natal Indian Congress).
- Em 1895, teve início a construção da ferrovia Quênia-Uganda. A inauguração das ferrovias incentivou a imigração de indianos conhecidos como “passageiros” (passenger Indians), que se estabeleceram em diferentes regiões, atuando como comerciantes e trabalhadores da construção civil.
- Em 1906, Gandhi liderou uma campanha de Satyagraha, ou resistência passiva, contra as leis de imprensa no Transvaal. Em 1907, lançou sua campanha de resistência passiva com o objetivo de impedir a redução dos direitos dos indianos na África do Sul.
- Em 1909, Gopal Krishna Gokhale, então presidente do Congresso Nacional Indiano, organizou um Fundo de Assistência à Resistência Passiva na África do Sul. Em 1912, Gokhale realizou uma visita pessoal de investigação à África do Sul. Durante esse período, a agência responsável pelo recrutamento de trabalhadores indianos contratados em Bombaim foi encerrada.

Anticolonialismo

- quando a Índia conquistou sua independência, em 1947, suas relações com a África estavam vinculadas a dois fatores predominantes. Inicialmente, essas relações foram marcadas pela preocupação dos líderes indianos com o bem-estar dos indianos que viviam na África do Sul e na África Oriental (1860–1914), bem como pelas reflexões de Gandhi e Sastri sobre questões como a primazia dos africanos (African paramountcy). Nehru demonstrava sensibilidade a essas questões e acrescentou a elas sua sincera preocupação com a libertação integral do continente africano.

- Nos anos 1990, a Índia iniciou um processo de liberalização econômica e internacionalização de suas empresas.
- A presença empresarial na África ainda era relativamente limitada, mas começaram a ganhar importância:
- Empresas farmacêuticas indianas;
- Comércio de produtos industriais;
- Indústria têxtil;
- Serviços e telecomunicações;
- Relações econômicas com África Oriental e Austral.
- A África do Sul, o Quênia, a Nigéria e as Ilhas Maurício constituíam espaços importantes para a expansão das relações econômicas.

Relações entre Índia e Nigéria

- As relações económicas entre a Índia e a Nigéria são fortemente influenciadas pelo setor energético, sobretudo pelo petróleo e pelo gás natural. A Nigéria é um importante fornecedor de recursos energéticos para a Índia, enquanto o mercado nigeriano representa uma oportunidade para as empresas e os investidores indianos.
- Esta relação está associada à necessidade indiana de garantir a segurança energética e ao interesse nigeriano em atrair investimentos, desenvolver a indústria petrolífera e diversificar a sua economia.
- Para a Índia, o petróleo nigeriano é importante por várias razões:
- Segurança energética: permite diversificar as fontes de abastecimento de petróleo.
- Crescimento económico: fornece matérias-primas necessárias à indústria e aos transportes.
- Redução da dependência de outros fornecedores: permite à Índia adquirir petróleo em diferentes mercados internacionais.
- Comércio internacional: fortalece as relações comerciais e económicas entre os dois países.
- A Índia importa petróleo bruto da Nigéria e, em contrapartida, exporta para o mercado nigeriano produtos como combustíveis refinados, gasóleo, produtos farmacêuticos e veículos.

Competição com a China

- A Índia procura ampliar sua presença econômica em um continente no qual a China possui uma posição muito mais expressiva em infraestrutura, financiamento e comércio. Entretanto, os dois países apresentam estratégias parcialmente diferentes:
- China: grandes projetos de infraestrutura, financiamento estatal, construção de ferrovias, portos e rodovias.
- Índia: maior participação de empresas privadas, indústria farmacêutica, serviços, tecnologia, manufatura e cooperação técnica.
- Isso não significa que a Índia não financie infraestrutura. O EXIM Bank indiano também oferece linhas de crédito e financiamento para projetos africanos.

Agenda indiana

- A política indiana em relação à África se baseia em cinco pontos: cooperar economicamente, lidar com indianos residentes na África, combater o terrorismo, preservar a paz e auxiliar as forças de defesa africanas. No plano da cooperação econômica, a estratégia indiana, traçada desde o início da década de 1990, é o treinamento, a assistência técnica e as trocas entre Índia e África.
- Com o programa de Cooperação Técnica e Econômica Indiana (ITEC) e o Plano Especial de Assistência Africana (SCAAP), a Índia oferece assistência técnica ao continente nos campos de treinamento civil e militar, fornecimento de equipamentos, serviços de consultoria e estudos de oportunidades, apoio de especialistas e visitas de dirigentes africanos à Índia.

Programas indianos

- O governo, por sua vez, tem uma série de programas, tanto bilateralmente com países africanos quanto com blocos econômicos da África. O Banco EXIM – de importações e exportações –, da Índia, criou uma linha de crédito de seis milhões de dólares em 1992 para os países da Preferential Trade Área (PTA), que mais tarde veio a ser o Mercado Comum do Leste e Sul da África (COMESA).
- Além disso, em 1996, foi criado pelo 1º ministro indiano um Fundo Rotativo para desenvolver cooperação regional com o continente africano. A Comunidade de Desenvolvimento do Sul da África (SADC) também foi contemplada com um acordo de cooperação com a Índia em 1997, o Memorandum of Understanding, com participação dos setores publico e privado do país. Em junho e outubro de 2000, ocorreram reuniões de representantes comerciais e chefes de missões indianos no leste, sul e oeste do continente.
- O banco EXIM também lançou o programa Focus África no ano de 2002 e 2003, para promover o encontro de empresários indianos e para a criação de centros empresariais.

Uma nova agenda

- O rápido desenvolvimento chinês produziu mudanças radicais nas conexões internacionais entre a Ásia e outras regiões do mundo. Nesse sentido, **o continente asiático tem se transformado em um polo dinâmico, ocupando uma posição cada vez mais importante no cenário internacional.**
- A aproximação chinesa da África, até então considerada marginal na economia mundial, marcada por um salto qualitativo nas relações sino-africanas, tem um papel fundamental nessa mudança.
- **A grande demanda chinesa por matérias primas, fontes de alimentos e de energia, e por mercados consumidores, tem tido impactos positivos relevantes nas economias africanas.** Além disso, o continente africano tem recebido investimentos, ajuda e obras de infraestrutura, além do apoio político chinês.

Base da relação entre africanos e chineses

- É inegável, contudo, que a grande maioria dos Estados africanos têm sido rápidos em suas respostas à China, e têm conseguido concluir acordos nas mais diversas áreas, que **vão desde a formação de profissionais até a construção de ampla infraestrutura, passando, obviamente, pelo setor de petróleo e de recursos naturais**.
- Os investimentos feitos por **Pequim em educação, infraestrutura e capacitação, por exemplo, são interpretados como uma prova da intenção chinesa de estabelecer uma ligação duradoura** com o continente africano, e não de manter uma relação apenas de exploração de seus recursos naturais.

Aproximação entre China e África

- **A Conferência de Bandung, de 1955, proporcionou o contato de Zhou Enlai com diversos líderes africanos, possibilitando um incremento nas relações entre a China e esses países**. Como fruto do contato em Bandung, China e Egito estabeleceram relações diplomáticas em 1956, inaugurando as relações o:ciais sino-africanas.
- A partir desse momento, e antes do final da década, outros países (Argélia, Marrocos, Sudão e Guiné), recém-independentes, estabeleceram relações diplomáticas com Pequim. **A China, nesse cenário, apoiava ativamente o processo de descolonização do continente africano, como forma de aumentar sua influência política e de conquistar novos parceiros.**

China e o terceiro Mundo

- Dado o contexto internacional da década de 1970 - de expansão da influência soviética, de dificuldades políticas e econômicas enfrentadas pelos estadunidenses, de emergência de Japão e Europa ocidental como potenciais rivais dos EUA no plano econômico e de conquistas sucessivas de independência nos países africanos - os países subdesenvolvidos, que respondiam por 75% da população mundial, adquiriam grande importância no cenário mundial.
- Nesse contexto, **Mao Zedong elaborou a teoria dos "três mundos" e a estratégia de "uma linha", que buscava reunir a maior força possível para enfrentar a URSS, já que a China passara a considerar os soviéticos como a única ameaça e os maiores inimigos chineses, estabelecendo também uma aliança com os EUA. Durante a década de 1970** a China renunciou ao seu isolamento político, o que fomentou grandemente as relações sino-africanas.

Refluxo na década de 1980

- **O início da década de 1980 marcou um novo ponto de inflexão na política externa chinesa, como reflexo das reformas de Deng Xiaoping no país.** Houve, assim, uma redefinição da estratégia diplomática e política para a África, por meio da despolitização da diplomacia e da aproximação chinesa dos países outrora negligenciados por serem aliados à URSS.
- Graças à situação interna chinesa, e [da] a sua busca pelo desenvolvimento econômico do país, verificou-se uma diminuição da assistência econômica, do comércio bilateral e da ajuda humanitária chinesa ao continente africano nesse período.
- Ainda, com a proximidade do fim da Guerra-Fria e consequente aproximação sino-soviética, **a África acabou perdendo** importância estratégica na disputa entre China, EUA e URSS por zonas de influência

Emergência Chinesa

- No final da década de 1980, contudo, a postura chinesa em relação à África sofreu nova inflexão.
- **Em termos econômicos, o país vivenciava um período de forte crescimento e extroversão econômica, e necessitava da África como fonte de recursos naturais e de mercado consumidor**, para dar continuidade à sua expansão. Em termos políticos, a China se viu isolada com o episódio da repressão política na Praça da Paz Celestial, muito criticado pelo ocidente. A repercussão desse episódio nos países africanos, entretanto, foi bastante diferente.
- **Além de receber o apoio de Angola e Namíbia, houve um entendimento, tanto dos africanos, quanto dos chineses, de que as críticas ocidentais eram uma tentativa de desestabilizar o crescimento chinês**. Além disso, os líderes chineses perceberam, nos países africanos, uma preciosa possibilidade de aliança política que poderia servir de sustentação, especialmente no âmbito das Nações Unidas.

FOCAC – Cooperação China África

- Em 1996, o então presidente chinês, Jiang Zemin, realizou uma visita a seis países africanos. Nessa visita, Zemin delineou uma proposta, composta por cinco pontos, com o objetivo de desenvolver relações sino-africanas estáveis e de longo prazo, baseadas em princípios de cooperação e interação.
- A proposta incluía, entre outros, **interação baseada na igualdade, respeito pela soberania e não interferência em assuntos internos, desenvolvimento comum e com benefícios mútuos e aumento das consultas e da cooperação em assuntos internacionais.**
- Foi essa nova política chinesa para a África que criou as bases para o fortalecimento e consolidação das relações sino-africanas e que, posteriormente, **evoluiu até a criação do Fórum de Cooperação China-África (FOCAC).**

Processo de institucionalização das relações

- É a partir da terceira cúpula que podemos perceber uma verdadeira institucionalização do Fórum. Além de contar com a participação de **41 chefes de Estado e representantes do alto escalão de 48 países africanos, o FOCAC III reuniu cerca de 1700 delegados chineses e africanos.**
- Nesta cúpula foram tomadas decisões que expressaram claramente o aprofundamento das relações sino-africanas, que passaram a ter o status de Parceria Estratégica para Pequim.
- Entre essas, **podemos citar a duplicação, entre 2006 e 2009, da ajuda chinesa à África, a remoção das tarifas de 440 produtos de países africanos menos desenvolvidos, a criação de até cinco zonas de livre-comércio no continente e também o estabelecimento de um fundo de desenvolvimento no valor de US$ 5 bilhões**, como forma de encorajar os investimentos chineses na África, além do envio de profissionais e de voluntários chineses aos países africanos, bem como o treinamento e formação de profissionais e o aumento de bolsas de estudos para estudantes africanos.


CHINE-AFRIQUE
FORUM
CHINA-AFRICA


mmit of the Forum on China-Africa Cooperation
burg du Forum sur la Coopération sino-africaine
RITREA
AFRICAN UNION
KENYA
SENEGAL
SOUTH SUDAN

Disputa pelo petróleo

- Nesse sentido, **Sudão e Angola – que, nos anos 2000, ultrapassaram a Arábia Saudita como os maiores fornecedores de petróleo para Pequim – estariam** entre os parceiros africanos mais importantes, em termos energéticos, para a China.
- É importante ressaltar, entretanto, que outros países produtores de petróleo – **como Nigéria e Gabão –, apesar de contarem com investimentos e participação chinesa no setor, ainda têm as potências Ocidentais como principais parceiros**, o que ocorre, em todos os países africanos, em diversos outros setores.
- Isso se deve, em grande parte, ao fato de os investimentos chineses serem muito mais diversificados que os do Ocidente, sendo estes focados especialmente no setor petrolífero

Investimento em Infraestrutura

- Uma parte significativa dos investimentos chineses no continente é focada na construção ou reconstrução da infraestrutura dos países, gerando milhares de empregos, embora a China empregue, muitas vezes, a sua própria mão de obra, gerando tensões localizadas (mas reduzindo custos e permitindo operar a uma taxa de lucro mínima de 3%, ao contrário dos 15% europeus).
- Ao longo das relações chinesas com os países da região, diversos prédios públicos foram construídos, bem como estádios de futebol, usinas de produção de energia, estradas, escolas e centros de desenvolvimento agrícola.
- Além disso, diversos hospitais foram construídos pelos chineses, que também têm fornecido capacitação e formação para médicos e diversos outros profissionais locais.

Condições ou sem condições

- Outro ponto importante nas relações é o auxílio financeiro dado pela China aos países africanos. **Diferentemente do Ocidente, os chineses não impõem aos países receptores de seu auxílio demandas e condicionalidades políticas. Ainda, grande parte da ajuda chinesa é feita através de construção de infraestrutu**ra, e não por meio de pagamentos realizados diretamente aos governos, evitando significativamente desvio de verbas e corrupção
- Além disso, ao contrário dos órgãos financeiros internacionais, o auxílio financeiro chinês é bastante dinâmico, sendo disponibilizado em um prazo de tempo muito menor, o que agrada as lideranças africanas

Construção de um mercado interno na África

- Por fim, vale lembrar que a população africana é de aproximadamente um bilhão de pessoas.
- Considerando-se que grande parte dessas populações vive da produção de commodities que, entre outros, graças à expansão chinesa, sofreu uma elevação nos preços, aumentando **o seu poder aquisitivo, podemos perceber que o padrão de consumo africano se incrementado, tornando-se o continente assim uma nova fronteira de mercado para a China.**
- Afora isso, os produtos chineses vendidos para a África, **além de possuírem preços acessíveis, têm a capacidade de elevar o padrão de vida dos consumidores** africanos. Há, assim, um equilíbrio comercial entre África e China.

Benefício da relação para os africanos

- Em termos políticos, a interação sino-africana traz benefícios significativos, tanto para a África, quanto para a China. Para a os países africanos, **o apoio chinês agrega um parceiro de peso na busca por uma maior participação do mundo em desenvolvimento e por uma democratização nos fóruns internacionais.**
- Além disso, sendo a China um membro permanente do **Conselho de Segurança das Nações Unidas,** os países africanos não se sentem mais abandonados, pois têm um "protetor" contra as iniciativas Ocidentais desfavoráveis aos Estados africanos.

Diferenças entre os ocidentais e os Chineses

- A política chinesa de não-intervenção e respeito à soberania, por exemplo, difere sensivelmente da política praticada pela França (e também pelas outras potências Ocidentais), **já que não tenta, de forma direta ou indireta, determinar quem serão os governantes dos países africanos.**
- Além disso, os auxílios e empréstimos – muitas vezes sem cobrança de juros –, concedidos por Pequim aos países da África, e que permitem que estes se **desenvolvam e tenham um aumento do seu peso político e econômico, desgastam outra estrutura de dominação das potências ocidentais, uma vez que os africanos já não mais recorrem ao FMI,** vendo-se livres das condicionalidades e das políticas de ajuste Ocidentais.
- Vale lembrar que grande parte dos investimentos chineses, criticados pelo Ocidente por supostamente serem responsáveis pela manutenção dos Estados africanos como "clientes", possuem condicionalidades impostas pelos líderes africanos e não pelos chineses, o que aumenta o poder de barganha africano

Regiões estratégicas do continente

- Vale ressaltar, também, que o Sul do continente africano tem se tornado uma importante base logística mundial. **Além disso, o Oceano Índico e também o Atlântico Sul têm se revelado, cada vez mais, como zonas de grandes recursos energéticos, com jazidas de petróleo e de gás.**
- O hemisfério sul possui mais águas do que terra, e tem se tornado um espaço cada vez mais importante em termos de desenvolvimento e de geopolítica.
- O Cabo da Boa Esperança, embora seja uma rota muito mais longa do que o Canal de Suez, tem sido cada vez mais utilizado, em decorrência do tamanho e do peso cada vez maiores das embarcações. **Prova disso é que, há uma década o número de petroleiros que passavam mensalmente pelo Cabo variava entre 30 e 50, e atualmente esse número encontra-se entre 90 e 100 navios.**

Exportações africanas

- No caso da África este processo de substituição da parceria comercial vem se dando de maneira crescente. Na década de 90, as exportações africanas para a Europa correspondiam a 40% do total exportado; em 2009 a participação caiu para 31%.
- No caso das exportações para China, que nos anos 90 eram praticamente inexistentes, em 2009 elas já representam 11% do total. É um aumento substancial que ocorre em um período bastante curto. (IMF, 2013; NCUBE et al, 2010; The African Development Bank Group, 2010).

Aumento do comércio sino-africano

- Embora do ponto de vista da China a parcela do comércio africano ainda seja pequena quando comparada ao comércio total no mundo, o ritmo de crescimento impressiona.
- De 2002 a 2009 as importações chinesas a partir dos países africanos cresceram em média 35%. Em 2007 o total importado chegou US$ 36.3 bilhões e em 2010 o valor passou para mais de US$ 67,0 bilhões de dólares. No caso das exportações chinesas para a África observase também uma média de crescimento de cerca de 31% entre 2002 e 2010. (NBSC; UNComtrade, 2010)

Concentração regional do comércio

- Apesar do crescimento expressivo do comércio entre a China e África, os fluxos são bastante concentrados em alguns países, principalmente no caso das importações. **Países como África do Sul e Angola lideraram o ranking dos países dos quais a China mais importa, além de países como o Congo, Guiné Equatorial e Sudão**. (UNComtrade).

Maiores parceiros

- As importações chinesas a partir da África são concentradas nestes três países**: Angola, África do Sul e Congo (**ou Sudão, segundo as estatísticas chinesas4).
- Embora haja muita variação ao longo dos anos eles mantêm a liderança no ranking dos maiores parceiros importadores na África. Além deles, países como **Guiné Equatorial, Líbia e Nigéria** também apresentam parcela importante das importações.
- Países como Zâmbia e Argélia representam pequena parcela das importações, mas não podem ser desconsiderados, principalmente pelo potencial que eles apresentam com relação à disponibilidade de recursos naturais e energéticos, como petróleo, no caso da Nigéria e cobre, no caso da Zâmbia.
- Como veremos posteriormente estes pequenos países tem sido destino de grande parte dos investimentos diretos chineses, dirigidos à exploração mineral e também a projetos de construção e infraestrutura.

Tabela 1 – China: Principais países importadores da África (2011)

País	% nas importações totais
Angola	30,5%
África do Sul	39,3%
Líbia, Congo, Nigéria, Guiné Equatorial	12,2%
Outros	8%

Fonte: UNComtrade, 2013; NBSC, 2012

Principais produtos importados

- A alta concentração das importações chinesas a partir da África não se dá apenas com relação aos países de origem, mas também com relação aos produtos importados.
- As importações são principalmente de bens primários e recursos energéticos/combustíveis minerais, como petróleo e minérios, insumos essenciais no novo clico de expansão do país.
- Do total importado pela China de toda a África em 2010, 61,9% representam combustíveis minerais, lubrificantes e materiais relacionados. Nesta classificação encontram-se artigos como carvão, petróleo e gás natural

Exportações para a África

- Com relação às exportações chinesas para a África há uma maior diversificação, principalmente com relação ao maior número de países envolvidos no comércio. As exportações chinesas estão mais distribuídas entre vários países africanos, todos sendo receptores de pelo menos uma pequena parcela do total exportado.
- A China torna-se gradativamente um grande fornecedor de artigos manufaturados para a África, em detrimento da posição tradicionalmente ocupada pelas economias centrais.
- Desde bens de consumo leves, **como os têxteis, partes e componentes e equipamentos de transporte até bens duráveis como máquinas, carros, vans, caminhões são hoje comuns em diversos países africanos.**

Tabela 2 – China: Principais países de destino das exportações chinesas na África (2011)

País	% das exportações totais
África do Sul	18,8%
Nigéria	13%

País	% das exportações totais
Egito	10,3%
Argélia	6,3%
Libéria	7%
Outros	44,6%

Fonte: Unctad, UnctadStat Database, 2011

Exportações de máquinas e produtos manufaturados

- Em 2010 do valor total exportado pela China para a África, 42,16% correspondiam a máquinas e equipamentos e material de transporte; 19,16% representam artigos manufaturados diversos; e 5,68% produtos químicos e conexos. (UNCOMTRADE, 2010).

Investimentos diretos

- A África e a América Latina têm sido destinos importantes para os Investimentos chineses.
- Os IDEs para a África, embora sejam parte pequena do montante total (9,8% em 2008) vêm expandindo-se principalmente a partir dos anos 2000.
- De 2003 a 2009 o fluxo de IDEs cresceu a uma média de 122% ao ano.

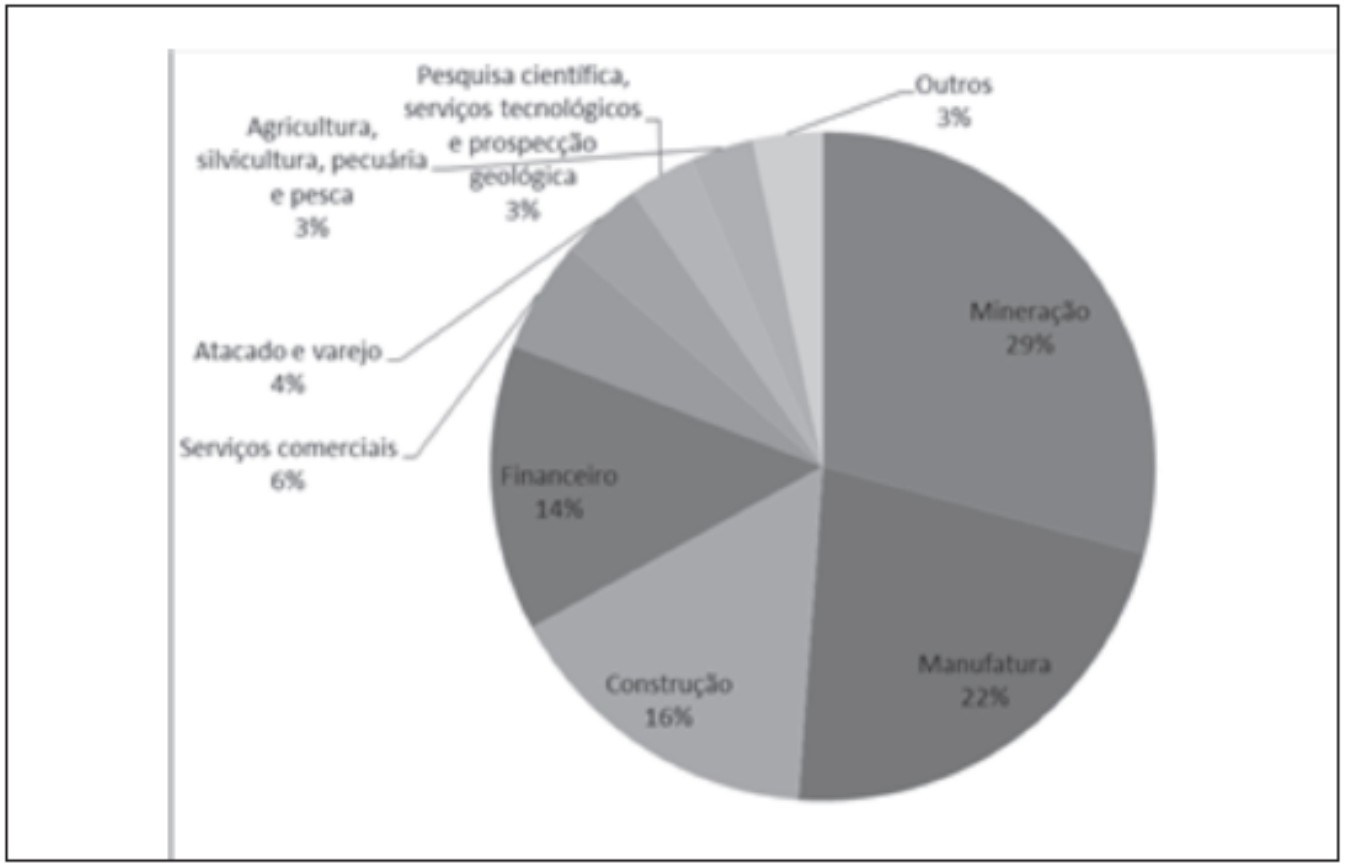
Participação das Estatais nos IDEs

- Segundo Kaplinsky et al (2009), desde os anos 90 as empresas estatais são as que mais realizam IDEs e são as que mais investem em setores relacionados à extração de recursos e infraestrutura. Além das gigantes do petróleo as maiores empresas chinesas com investimentos no exterior são do ramo de extração mineral, como a Aluminum Corporation of China e também da área de construção, como a China State Construction Engineering Corporation (CSCEC) e a China National Construction & Agricultural Machinery. (Statistical Bulletin of China's Outward Foreign Direct Investment, 2008).

Diferenças entre IDEs chineses e ocidentais

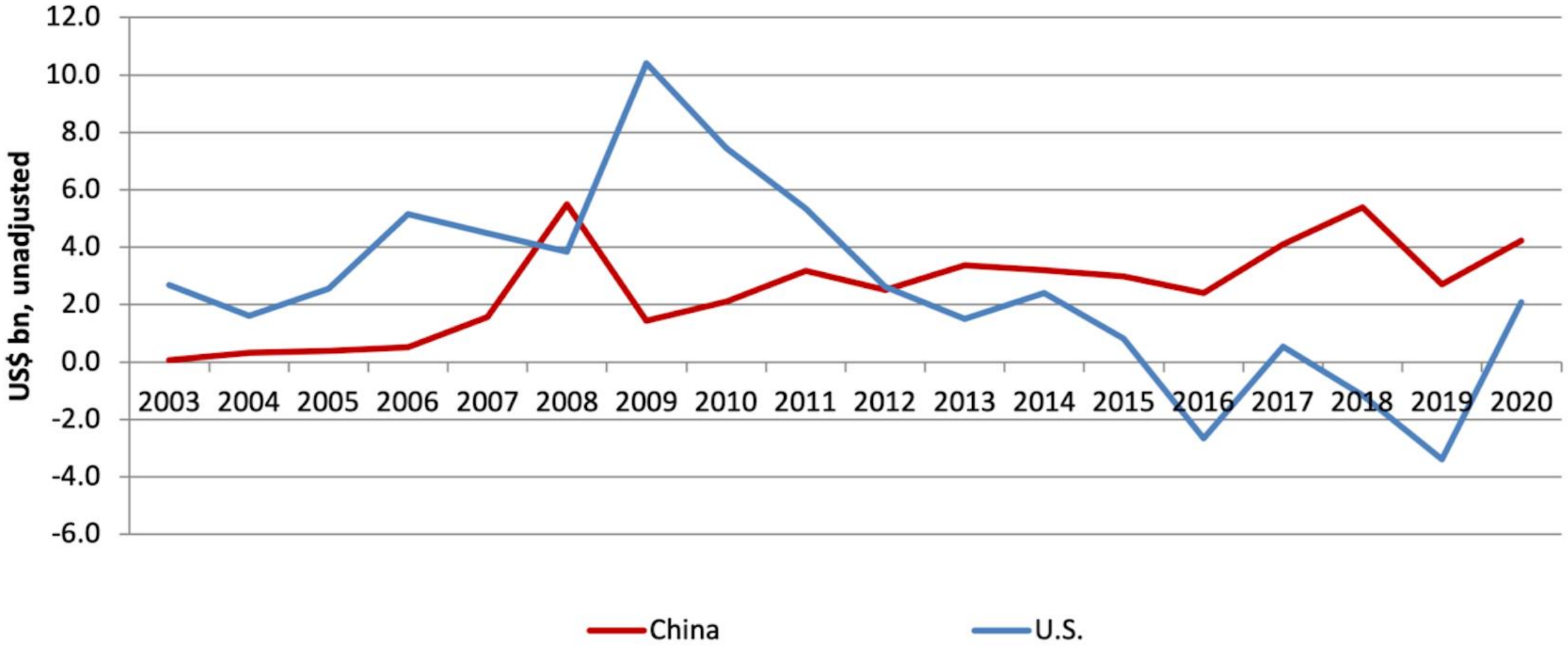
- Segundo a maioria dos autores, os IDEs chineses são bastante diferentes dos investimentos provenientes de países ocidentais.
- Enquanto empresas norte-americanas e europeias, por exemplo, na maioria privadas, **investem na África voltadas para objetivos de curto prazo, os IDEs chineses teriam um perfil fundado sobretudo em objetivos de longo prazo**, realizados por meio de grandes empresas estatais, amparadas por uma estrutura de crédito e financiamento que lhes dá a possibilidade de trabalhar com horizontes mais amplos de investimento e com objetivos de lucratividade não imediatos.
- Além disso, os investimentos chineses, mesmo concentrados em projetos ligados a exploração de recursos naturais, **tem sido também dirigidos a grandes projetos de infraestrutura**

Gráfico 4 – China: Fluxo de IDEs para a África – principais áreas (2009)



Fonte: White Paper. *Chinese Government's Official Web Portal* , 2011

Chinese FDI vs. US FDI to Africa, Flow



Jan 2022

Source: The Statistical Bulletin of China's Outward Foreign Direct Investment, U.S. Bureau of Economic Analysis

CHINA AFRICA RESEARCH INITIATIVE

SAIS JOHNS HOPKINS SCHOOL of ADVANCED INTERNATIONAL STUDIES

Importância da Nigéria

- Em Angola os investimentos chineses têm representado importante impulso para expansão das exportações do país. No caso da Nigéria, o impacto da entrada das empresas chinesas também é visível.
- O país é um dos maiores da África e um dos mais ricos, além de ter um papel político influente na região da **África Ocidental. Para os chineses é um local estratégico na região do Golfo da Guiné, além de ser um grande mercado consumidor de cerca de 130 milhões de pessoas e, principalmente, possui vastas reservas de petróleo.**

Importância dos minérios

- Outro setor importante da área de mineração é o de extração de minérios, tais como o minério de ferro, aço, o cobre, bauxita e diversos outros**. Esse setor é onde a China tem de fato um poder fundamental. Isto porque o país é um dos maiores importadores do mundo, determinando preços e influenciando o volume exportado de diversos países.**
- Existe na **China uma preocupação do governo voltada para a garantia de oferta de longo prazo dos minérios e não apenas de compra e importação, dada a ampla necessidade do país em garantir os recursos para ampliação do crescimento industrial.** O apoio a empresas que procuram engajar-se em investimentos externos na área de mineração é claro por parte do governo chinês, dada a identificação da necessidade de controle da cadeia de fornecimento, mais do que apenas importar o minério.

Empresas Chinesas

- Empresas como a Huawei, Alcatel Shangai, China Mobile e ZTE vem se expandindo para países africanos, tanto como fornecedores de produtos finais (como celulares) como também fornecedores de partes e componentes.
- Os maiores mercados africanos para as companhias chineses da área de telecom são Argélia, Egito, Tunísia, Marrocos e África do Sul, eles são responsáveis por 60% do total de ativos da área de telecom.

Segurança Alimentar

- Além das áreas de mineração e manufatura, a agricultura também se apresenta como área importante do envolvimento chinês nos países africanos.
- Apesar dos chineses produzirem quase o total **daquilo que consomem o país está se aproximando do limite no que se refere à segurança alimentar, que seria cerca de 120 milhões** de hectares de área agricultável.